

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

VOCÊ NÃO ENTENDEU NADA: *PERVERFORMATIVOS* E CENAS DO ENSINO NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Fabio Pomponio Saldanha¹

Resumo: o artigo tenta demonstrar como teorias surgidas nos anos 1960 e 1990 foram recebidas na USP. Tendo como foco a desconstrução (mais especificamente o nome próprio Jacques Derrida), teorias feministas e pós-coloniais (traduzidas pelo guarda-chuva Estudos Culturais), tenta-se construir, a partir de textos produzidos pela academia uspiana, o quadro de rejeição observado através da exclusão da diferença. O foco se torna o papel da instituição enquanto aquela que ensina o/a aluno/a a reproduzir uma forma genérica de leitura em volta dessas teorias, ao se notar que o que passa a ser ali reproduzido é uma repetição da repetição advinda de outras leituras de leituras, na medida na qual o que se busca fazer é impedir algo já em curso: a chegada de tais teorias dentro da academia. A partir de textos de Paulo Eduardo Arantes e Leyla Perrone-Moisés, investiga-se qual face/imagem a respeito da desconstrução e dos Estudos Culturais se formou na USP e qual é o papel do humor e do professor dentro de tais cenas de ensino, quando se pensa tanto o humor quanto a ameaça como ferramentas de dominação, ora sim, ora não, implícitas.

Palavras-chave: Jacques Derrida; Gayatri Spivak; Paulo Arantes; Leyla Perrone-Moisés; crítica uspiana.

YOU DID NOT UNDERSTAND A THING: *PERVERFORMATIVES* AND TEACHING SCENES AT UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Abstract: the article tries to demonstrate how theories emerged in the 1960s and 1990s were received at USP. Focusing on deconstruction (more specifically on the proper name Jacques Derrida), feminist and postcolonial theories (understood by the umbrella of Cultural Studies), an attempt is made to build, from texts produced by USP's academics, the rejection framework observed through the exclusion of difference. The focus becomes the role of the institution as the one that teaches the student to reproduce a generic form of reading around these theories, when one notices that what is reproduced is a repetition of the repetition arising from other's readings of readings, insofar as what is sought is to prevent something already under way: the arrival of such theories within the academy. Based on texts by Paulo Eduardo Arantes and Leyla Perrone-Moisés, we investigate which face/image regarding deconstruction and Cultural Studies was formed at USP and what is the role of humor and the teacher within such teaching scenes, when one thinks of both humor and threat as tools of domination, sometimes implicit, sometimes not.

¹Discente no programa de Doutorado Direto em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (DTLLC-USP). E-mail: saldanha.fabio@gmail.com

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

Keywords: Jacques Derrida; Gayatri Spivak; Paulo Arantes; Leyla Perrone-Moisés; *uspian critique*.

Desabusados e *blasés* por três séculos de esclarecimento, não será sem algum artifício que puxarão uma "transgressão" como outrora seus antepassados alemães, uma "angústia".

Paulo E. Arantes, "Tentativa de identificação da Ideologia Francesa".

Exergo²

Se "[i]ncansáveis foram as vezes em que Derrida explica que o termo desconstrução foi um modo de traduzir *Detruktion* do alemão para o francês retirando, no entanto, o caráter de destruição contido no termo original" (RODRIGUES, 2021, n.p.),³ parece ser de pouca ou nenhuma importância para aquele a talvez se aventurar pelas páginas de uma possível história da recepção da desconstrução, e do grande guarda-chuva entendido como Estudos Culturais, a certa hora já retornado ao "original" *Cultural Studies*, na Universidade de São Paulo, caso não se faça, de certa maneira, o oposto a ser observado no centro do celeuma do fluxo teórico chegado até a USP: ler.

E se é também comum a Spivak a necessidade de retomada e explicação (RUGGIERI, 2022), *ad eternum*, de o que seus conceitos e formulações não são e, quiçá, nem podem ser, de modo a não se destoar o conteúdo escrito da chance de uma interpretação como cooptação e silenciamento (SPIVAK, 2010a-b; 2013; 2022), o imbricamento de tal cuidado com o texto, quando confrontado com uma leitura a simbolizar algo que não está sendo lido pode, de certa forma, impelir respostas de quem encontra, nos autores citados, a chance de diálogo. Em uma exasperação possível de também fazer coro à explicação dos motivos pelos quais o desvio e a

² Uma versão anterior foi lida no colóquio "Travessias da crítica na América Latina" (2023). Sou imensamente grato aos presentes no dia por tudo que pude ouvir e presenciar. Agradeço também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por financiar esta pesquisa, sendo este texto uma derivação dos resultados obtidos por um financiamento de uma bolsa de Mestrado, pelo processo 2021/03903-8.

³ E mais adiante: "Foi preciso repetir, também à exaustão, que desconstrução não era uma disciplina ou um método — uma hiper-hermenêutica, por exemplo — e, portanto, não poderia ser replicado, embora Derrida também reconheça que pode haver regularidades na maneira de formular um certo tipo de questão de estilo desconstrutivo." (RODRIGUES, 2021, n.p.)

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

defesa redutora pela ênfase da imagem negativa de uma "nova fase do capitalismo internacional" (ARANTES, 2021a, p. 21) não serem, talvez, a melhor forma de explicação das teorias reunidas pela alcunha *Theory* (cf. ARANTES, 2021a), insistir na possibilidade da explicação do erro não necessariamente poderia garantir ao resultado final um certo tipo de resposta que, eventualmente, trouxesse a realocação dos significados desses dois nomes próprios já citados como os responsáveis de tamanho disparate no estado atual das coisas, cuja origem estaria nos Ideólogos Franceses:

a ponto de se tornarem especialistas exímios na procura da marginalidade heroica, na encenação de complôs urdidos pelos bem aquinhoados da *ratio* moderna, na identificação em efígie com minorias sociais, párias da vida intelectual, enfim especializaram-se no fomento de tudo que pudesse reforçar uma bem-sucedida estratégia de "vitimização", como sublinham seus atuais adversários. (ARANTES, 2021a, p. 37)

A consequência desse mundo nefasto do capitalismo tardio parece ter um correlato quando:

[o] "multiculturalismo", conceito liberal politicamente correto, pelo que implica de tolerância à diversidade cultural, na prática favorece a criação de guetos estanques, convivendo no mesmo espaço, transformados em objetos de estudos particularistas, apaziguadores de conflitos sociais e, em última instância, incentivadores de prósperos nichos mercadológicos. (PERRONE-MOISÉS, 2007a, p. 172)

Discutir as maneiras em que tais textos, no entanto, apresentariam problemas de leitura, a partir de um cotejo com o original parece se provar, mais uma vez, um possível quadro no qual o lado tido como defensor do vitimismo estaria, minimamente, falando com as paredes, essas, no caso, as da Universidade, cujo voto de inimizade estabelecido pela descrição anterior parece confirmar uma vontade de expulsão de novos olhares para as mazelas do mundo, como se a notação das mesmas, de forma textual, estivesse totalmente dependente do avanço do capitalismo, como comprovação do mesmo. De certa forma, portanto, o objetivo aqui é ler, entre os textos dos dois autores uspianos citados (Paulo Eduardo Arantes e Leyla Perrone-Moisés), suas críticas aos projetos das teorias da desconstrução e dos Estudos Culturais, com foco no pós-colonialismo e no feminismo, de modo que se demonstre a inimizade primeira como prolegômeno da necessidade de expulsão da Universidade de tais teorias, ainda que tal passo seja impossível.

Na primazia da leitura de suas leituras, o foco também deixa de ser identificar os motivos, os porquês, de tais leituras aqui serem apresentadas como errôneas já

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

que, como se espera demonstrar, o voto inicial já é, partindo de forma diferente em cada um dos autores, um certo tipo de proteção do corpo da universidade contra tais teorias descritas como mazelas, sempre de forma a identificar nelas um tipo de corrosão do mundo como se conhecia, sem sequer demonstrar, todavia, a leitura referenciada (NATALI, 2022), como prevê a ABNT, por exemplo. Assim, mais do que o retorno ao original partindo de um texto a ser entendido como leitura em paralaxe, para se provar um ponto que justificasse a expulsão do diferente a partir de uma árvore genealógica a ser possivelmente contaminada por uma "família meio amalucada" (ARANTES, 2021a, p. 42), ler como leram Arantes e Perrone-Moisés as teorias "surgidas" nos anos 1960 e 1990 pode revelar a estrutura de identificação, via negativa, do que o Outro não é, ao mesmo tempo caracterizando, através de tal performance, a si mesmo.

Destaco, ainda, um motivo especial para resistir à vontade de provar o contrário do ponto elaborado pelos autores. Sugerir a necessidade de ler de uma forma talvez não tão elogiosa, ou ao menos não tão já garantida a certeza de concordância irrestrita, pode, de certa maneira, demonstrar certos elos de força dentro da USP a ainda reforçarem desigualdades coerentes com o funcionamento da sociedade brasileira, em termos de poder simbólico, ou também raça, gênero, orientação sexual, os "vitimismos" dos "vitimistas", como já citado. Em uma palestra *on-line* realizada em 2021, dentro de uma mesa que começava a pensar certo incômodo dentro das *lives* feitas pelo filósofo uspiano, sugere-se a indicação de ser necessário repensar as constantes marcações de Spivak como uma musa carreirista que teria se vendido ao mercado estadunidense de progressão de carreira⁴ (cf. ARANTES; SARACK, 2021) e, em uma das reações registradas por comentários da palestra no Youtube, se lê o seguinte:

A estratégia foi perversa... no sentido psicanalítico mesmo. Uma fala dividida em 2 tempos, à maneira do fragmento "iluminador". Na I seção, o histórico sobre pandemias para chegar ao horror do presente e culminar com o Poe, da Máscara da Morte rubra. Na II Parte, como se não houvesse relação alguma (mas todos sabemos do potencial incendiário do fragmento - à esquerda, mas apropriado pela direita), o foco era não a exposição e a crítica às ideias de Paulo Arantes, mas o ataque pessoal - de misógeno a patriarcal, de debochado a membro do grupo privilegiado (et caetera [sic]). A dedução é clara: Paulo Arantes e de quebra Roberto Schwarz são metaforizados como o vírus que invade o corpo e o coração da Alma Mater. O dito professor e seus acólitos - que certamente sabiam o que se armava - devem se considerar a vacina... Que tempos! E o pior, talvez, como assinalou

⁴ Os termos não são meus e são analisados por Natali (2022) em sua tentativa de aproximação da maneira de não-leitura de Arantes a respeito de Spivak, adjetivada pelo filósofo uspiano pelos termos já destacados.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

Matis Klo, é que o vitupério convida os acólitos desse ilustre professor a não ler... Para quê, não é? Afinal a escrita de um misógino, que humilha os pobres (vide fala de Paulo sobre a Spivak, segundo a interpretação do Natale [sic]), não precisa ser lida quando o que importa, para esse pós-colonial, é a afirmação (vitimizadora) das identidades.... Como diria Guimarães Rosa: "quedeusnosSacuda". (in FFLCH-USP, 2021)⁵

O motivo do destaque deste comentário, assim como de outros, porventura, feitos em momentos posteriores quando nas análises aqui elaboradas, busca deixar indicado certo tipo de proteção à Universidade que parece ser característico de um deslocamento, mesmo reiterado, mais de uma vez, de que a desconstrução e vertentes pós-coloniais não buscam a destruição do cânone, muito menos a construção de um mundo no qual a subalternização do diferente seja lida como "vitimismo" (cf. ARANTES, 2021a) ou "celebração pela inversão dos termos" (cf. PERRONE-MOISÉS, 2007). As acusações, então, serão elaboradas e lidas como tal, acusações não fundamentadas na leitura, em uma dobra na qual a garantia da perversão, da ideologia e do erro são, por fim, do Outro, nunca do sujeito enunciador, pois não há espaço para o dissenso. O desdobramento final também emula a figura do(a) intelectual como voto de confiança necessário, dentro do esquema da performance do ensino como transmissão pela fala, para a propagação e repetição da violência direcionada ao diferente (PHILIPSON, 2020), até que o mesmo se recolha em seu canto e se transforme, no fim, em objeto expulsável.

A prata ameaçada da casa

Tido como e entendido a partir de um regime de excepcionalidade em seus escritos, cuja força e dificuldade interpretativa revelariam uma nova fase na Escola da Formação (vertente uspiana), Paulo E. Arantes representaria certa forma pivotal de entendimento e passagem para a melhor nova caracterização de um recém-formado departamento de Filosofia, na Universidade de São Paulo, cuja própria adjetivação como abalo sísmico vai sendo reforçada ao longo dos lançamentos de seus primeiros livros e escritos (cf. FAUSTO, 1997; SCHWARZ, 1999). Seja como concordância e anuência de sua irreverência irônica ao nível do desdém pela citação sem referência (SCHWARZ, 1999), ou falas sem matização cujo potencial já demarcaria uma voz, ao mesmo tempo, necessária e um tanto perigosa para a estabilidade de certo

⁵ Nomes dos responsáveis por comentários no Youtube estão suprimidos pela impossibilidade, creio eu, de se provar autoria mediante a chance de falseamento de nome, voz, etc., quando da utilização de tais ferramentas na internet.

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

conhecimento fundado pela Escola de Filosofia uspiana (FAUSTO, 1997), ou o extremo oposto, uma crítica ao exato elogio e transformação em excepcionalidade de algo que poderia confirmar, em realidade, certa estabilidade na nomenclatura da USP como uma profusão de violências a seguir em mimetização (PHILIPSON, 2020), algo a já ser possivelmente destacado é a não existência de instabilidade sísmica no Brasil.

A própria ideia da excepcionalidade das figuras da Escola da Formação, no entanto, não é necessariamente nova. Nomes constantemente em diálogo elogioso dentro da obra de Arantes, como Antonio Candido, Roberto Schwarz, Paulo Emílio Sales Gomes e Gilda de Mello e Souza são também parte de uma construção imagética a mimetizar, a partir da vida privada, certa capacidade argumentativa do olhar crítico como reflexo e inspiração da mesma, seja destacando isso como elogio (SCHWARZ, 2018), ou como ponto de tensão a poder nos levar à imagem de toda uma descendência aristocrática a problematizar aquilo, possivelmente, deixado de lado pela Escola da Formação (MORAES, 2020), majoritariamente ligada a questões, por exemplo, em seus desdobramentos, dos problemas de classe no Brasil e da vertente marxista aplicada e desenvolvida no país; seu ponto cego seria, entretanto, subvalorizar o que são as agruras da colonização ainda no tempo presente, dadas como problema do passado (e, portanto, sem necessário desenvolvimento teórico-analítico).

O núcleo de contato a partir da figura de Candido é também a determinação da escolha da filiação para explicação de quais seriam os objetivos em se pensar a cultura filosófica dos anos 1930, com a espécie de maturação a ser alcançada ao longo das décadas, entre idas e vindas, nos anos 1960-1970, com a aproximação dos estudos marxistas na cátedra de Filosofia, já não mais nas regiões do Maria Antônia (ARANTES, 2021b). O empréstimo da ideia de formação extraída da *Formação* de Candido, portanto, pode também passar pelo mesmo escrutínio pelo qual o livro do crítico literário teve como diálogo, por exemplo, nas perspectivas de Baptista (2005), Lima (1992), Moraes (2015) e Santos (2020), indicando ali, na explicação mesma das consequências de se imaginar algo sendo formado, chances de outras espécies de aproximação, ou mesmo, questionamentos em torno do que, como (e até mesmo se), é formado a partir da ideia de uma formação da filosofia brasileira (RODRIGUES, 2021).

Ainda que ausente da lista feita de nomes como Guadalupe, Martinica, Guiana Francesa, Reunião e Maiote, o Departamento de Filosofia uspiano, para Arantes, poderia ser um *département d'outre-mer* (ARANTES, 2021b). A chegada de professores, via missão francesa, para criação e formação de "espírito" e "cultura" filosóficos no Brasil passa a ser descrita e determinada por Arantes em termos parecidos com os de Candido na *Formação*: ramos, enxertia e plantio pensados como reflexos de uma existência secundária no jardim das musas vão, aos olhos do filósofo, determinar um olhar deslocado, porque em terras não-europeias, e secundário, porque derivado, mas, ao mesmo tempo, também capaz de fazer, exatamente por ser

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

assim descrito, do Brasil o melhor *locus* para avaliação das mazelas da Ideologia,⁶ nunca Filosofia, francesa (ARANTES, 2021a). A "aclimatação" das ideias francesas na Universidade de São Paulo, contando com nomes como Maugüé, Lebrun, Giannotti, e mesmo visitas de autores ainda em início de carreira, como Foucault, tinha como objetivo uma espécie de "plantio de ideias" e "mentalidades não-locais" destinadas a criar uma zona de contato entre o de fora e o de dentro, de modo que a importação dessas pudesse gerar, nos alunos vindouros, uma boa forma de olhar, nessa síntese fora-dentro, a leitura de seu próprio país, sua história e sua vida imediata, do presente (ARANTES, 2021b).

O desejo da melhor formação possível, de acordo com o planejado por Maugüé, no entanto, tem a vida curta delineada pelo grupo Clima em suas atividades, caracterizado por Arantes da seguinte maneira:

Estou por certo me referindo ao que na tonalidade ensaística do grupo Clima se deve, declaradamente aliás, à ascendência de Jean Maugüé, cuja concepção de vida e trabalho intelectual – no dizer dos protagonistas em questão – parece ter confirmado todos na vocação de críticos, embora, ou por isso mesmo, formados em Filosofia e Ciências Sociais. (ARANTES, 2021b, p. 97)

O lema de Maugüé, "como há anos aprendi a ler, através dos filósofos, meu país e meu tempo, me propus a ensinar os brasileiros pelo mesmo meio, a ler seu tempo e seu próprio país" (ARANTES, 2021b, p. 99; tradução minha),⁷ no entanto, encontrará somente força no grupo já mencionado, ao mesmo tempo em que dividirá os futuros leitores do Brasil, entre os a se manter na evocação da tradição e da explicação de textos e, do outro lado, os leitores críticos do seu próprio país. Não pareceria gratuito ver, nessa segunda parte, uma espécie de utilização do narrar/descrição como observação dos fatos da realidade, que encerra *Um departamento francês de Ultramar*, indicando da mesma maneira como na *Formação de Candido*, que o potencial da descrição funcionaria como confirmação (anuência) das vozes ali manejadas (LIMA, 1992). Enquanto isso há, ao primeiro, a condenação, ao longo do livro, da Filosofia como explicação de textos, gerando alunos (e mestres), a serem "desasnados" (ARANTES, 2021b, p. 118) pelos grandes nomes (neste ponto, Roberto Schwarz) a surgirem a partir do transplante do marxismo no Brasil e, mais especificamente, entre o seletivo grupo a dar início nas leituras de Marx na USP, nos Seminários Marx (cf. ARANTES, 2021b, p. 279-381).

⁶ Ao chamar de Ideologia, nunca de Filosofia, a tradição fundante da Filosofia uspiiana, Arantes já deixa evidente seu próprio recorte teórico tomado como transparente e não questionável: o marxismo.

⁷ No original: "et puisque j'avais appris pendant des années à lire à travers les philosophes mon pays et mon époque, je me fixais d'apprendre aux brésiliens par les mêmes truchements, à lire leur époque et leur propre pays".

35^ª criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

Se a explicação descritiva gera um tipo de cultura filosófica sempre voltada à Historiografia, dentro do entendimento da degeneração do ensinado por Maugüé, trazendo como correlato uma espécie de cultura da insegurança nos alunos brasileiros a nunca estarem aptos para cumprir o papel de pensar o futuro, é a mesma força de descrição, dessa vez também com a possibilidade de elogio à ironia, à adaptação e ao dismantelamento do argumento alheio como acusação de conservadorismo, que faz da chegada do marxismo algo a ser descrito para ser tido como natural, ponto máximo da chegada na narratividade da formação: *da missão francesa ao marxismo*, indicando as fases de plantio, enxertia, maturamento, expulsão do diferente e fixação do "genuinamente nativo", a prata da casa, ou seja, o uspiano.

A criação de uma genealogia a determinar uma espécie de narração etapista de como os fatos se desenrolaram, ou, ainda, uma seleta interpretação de escritos de nomes que levam a crença, no leitor, de que os selecionados ali estão somente pela qualidade de seus escritos, totalmente destacados pela imanência do a ser observado, transforma a descrição dos fatos no rumo da história da Filosofia na USP como transparente, sendo o elogio da expulsão do estrangeirismo da Ideologia europeia resolvido com outra enxertia, esta não assim observada, ou ao menos não tensionada. A chegada do marxismo, com a criação de algo a ser definido como tão propriamente brasileiro (i.e. uspiano), a não precisar ser sequer exposto como também inserção de alguma ideologia "de fora", não é visto enquanto mazela, como observa Fausto (1997) sobre a não colocação do marxismo (adorniano) em questão, somente na descrição sob a forma de anuência, transformando em regime de equivalência o novo transplante em algo desenvolvido pela capacidade da prata da casa em passar a pensar por si só, com sistema e "espírito" filosóficos já criados e assim entendidos como ápice da cultura filosófica uspiana.

Essa espécie de preâmbulo criado por Arantes ao longo dos anos 1980 sobre como se formara a Filosofia uspiana, como reflexo de chegada e aclimação do marxismo na Universidade, encontra sua nêmesis nos escritos do início dos anos 1990, reunidos em *Formação e desconstrução*, a visita ao museu⁸ da Ideologia Francesa, dessa vez já em completa caracterização como um campo decadente, incapaz de reconhecer a si mesma sem a observação do olhar do outro (ARANTES, 2021a). A (Escola da) Formação e a (Ideologia da) Desconstrução se tornam, a partir do raciocínio seguido ao longo das determinações de o que é e como se construiu a nova fase da Ideologia Francesa, uma estrutura de inimizade no raciocínio de Arantes (NATALI, 2022) como algo de antemão à própria argumentação, reforçando a ideia (estereotipada) de que a segunda é a antinomia da primeira (RODRIGUES, 2021). O perigo residiria, portanto, em deixar com que tal ideologia pudesse, ao meu ver,

⁸ Como voto de possibilidade para se fazer alhures, seria possível comparar a ideia do museu em Arantes com a presente em Chakrabarty (2002), para se pensar o futuro da democracia. De certa forma, aqui poderia não ser possível caso se lembre que, segundo o filósofo uspiano, vertentes pós-coloniais incentivariam o vitimismo.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

contaminar o Departamento de Filosofia uspiano tão recentemente tornado "livre", dentro do quadro ainda de dependência econômico-cultural do capitalismo tardio.

Um foco na primeira seção do livro permite uma observação mais atenta à descrição da nova Ideologia Francesa, caracterizada como um problema principalmente com a chegada do nome próprio Jacques Derrida, transformada em um campo em decadência por se aproximar sem ressalvas da Literatura e, com isso, se desintegrar de suas especificidades. Sugerindo que sua introdução se dedica a procurar, na desconstrução, a "certidão de nascimento" de tal "gênero anômalo" dessa nova fase, o papel dos Estados Unidos passa a ser central nessa caracterização do que é ser francês e do que é a Ideologia Francesa, pois vem, primeiro de terras estadunidenses, a observação de o foco literário ter se alastrado "e hoje em dia boa parte da América pensante, da Antropologia à Economia, da História à Filosofia, passando pela Epistemologia, pelas Artes Plásticas e pela Arquitetura, gira em torno do *deconstructive turn*." (ARANTES, 2021a, p. 18-19)⁹

O diagnóstico da aproximação entre os campos com a contaminação e regressão da Ideologia para "mera literatura" é criado nos Estados Unidos, segundo Arantes, pela influência da desconstrução, unindo uma dezena de ideologias resumidas pela alcunha da *Theory* pós-moderna (cf. ARANTES, 2021a, p. 19),¹⁰ sendo tal diagnóstico devolvido e aceito pelos franceses como capacitado para autodescrição. Se antes, até a grande época do Estruturalismo, eram os franceses os capacitados para, de certa forma, se descreverem, a decadência propiciada pela desconstrução faz com que nem mesmo uma espécie de "sensibilidade crítica", não muito evidente como poderia ser medida, possa florescer e, além disso, chegando até mesmo aos "inimigos dos franceses" nas grandes disputas da Filosofia europeia, os alemães, cuja "sensibilidade de tal sorte afetada", "[a]o ser reexportada, a aclimação francesa da crítica heideggeriana da racionalidade ocidental acabou exumando a síndrome alemã jovem-conservadora, que muitos julgavam sepultada" (ARANTES, 2021a, p. 28-29). Há aqui uma espécie de acusação primária do "renascimento heideggeriano", como se a aliança do filósofo ao nazismo alemão fosse não só obliterada, para que o autor pudesse ser novamente lido, mas também responsabilizando esse ato da "exumação" como criadora de uma nova onda

⁹ Isso faz com que a própria caracterização dos franceses de si seja entendida como impossível e, graças à desconstrução (que junta e embala Foucault, Derrida e Deleuze, por exemplo), faz do espaço outrora exportador de professores, como descrito em *Um departamento francês*, um território agora tão esvaziado de consciência própria que depende da importação de ideias de alhures para saber quem pode ser nomeado com seu próprio gentílico.

¹⁰ "Aprende-se então que excesso de teoria ofusca a experiência e atravanca o discernimento. Três por dois, sempre quando alguém cai na tentação de ressuscitar algum Fla x Flu doutrinário (há inúmeros deles), Paulo solta a frase, para desconcerto geral: 'Como diriam os pragmatistas norte-americanos, *theory doesn't matter*.'" (CATALANI, 2021, n.p). Sugeriria, ao encontro do que se lê em Arantes, que talvez a grafia adaptada dos "pragmatistas norte-americanos" seja, em realidade, *Theory*.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

conservadora na Alemanha, uma espécie de possibilidade de ressurgimento do nazifascismo graças à desconstrução.

O "efeito retórico", "embora *cool*", tem como objetivo final "produzir calafrios" no leitor, além de determinada "sensação de impotência" perante os tempos atuais nos quais se encontram as atividades filosóficas, mesmo que, para os franceses, "já se trate apenas de Literatura". A determinação de tais "erros" de leitura causados pela contaminação do pensar literário no filosófico só poderiam ser relidos e pensados a partir de uma crítica de leitura "imanente", "noutro terreno" (o Brasil), mostrando por fim como essa história "apenas francesa", "um romance familiar", "engordou de tanto requestrar a marmitta vanguardista de epígonos e retardatários". Os "coveiros franceses", na "bancarota cultural do capitalismo", em seus "devaneios arcaizantes", pela "demonização da técnica e da sociedade de massas",¹¹ vão atingir o ápice do disparate, mais uma vez, com Derrida, que:

forjou uma categoria própria para batizar e estilizar essa dificuldade: o barroco, cuja voga ao longo dos anos 1980 se conhece, inclusive, como senha francesa do pós-moderno. Uma abjeção de dois gumes, sobre a qual paira igualmente a ameaça do disparate: nesse mesmo diapasão se negará ao dissidente da modernização o direito de acender a luz ou tomar antibióticos. (ARANTES, 2021a, p. 30-31)

A demarcação final do nome próprio Jacques Derrida parece simbolizar uma espécie de epítome de decadência e retrocesso não só intelectual, mas como também civilizacional, a partir da ideia segundo a qual a Modernidade não teria mais papel a não ser o da possibilidade de ser negada, mesmo já tendo sido caracterizada a pós-modernidade como uma continuação "requestrada" de sua antecessora. Como dito na citação imediatamente anterior, a chance de infiltração do pensamento da desconstrução nos departamentos de Filosofia deveria ser evitada e combatida a todo custo já que, se levada até o fim o potencial de transformar a cultura filosófica em "mera literatura", até mesmo a eletricidade e o uso de antibióticos se tornaria quase um crime – não muito diferente, no entanto, da acusação que farão deputados de vertentes da direita, quando do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, por exemplo, recriados em Sessão, de Roy D. Frenkel (2017), ao alegarem que instituições como a família¹² precisariam ser protegidas do cenário atual da diferença,

¹¹ Os termos foram todos retirados de Arantes, 2021a, p. 30-62.

¹² A ideia da família ocupa uma parte do raciocínio de Arantes: entre árvores genealógicas, famílias amalucadas e teorias bastardas, o criado a partir de *Um departamento francês* é algo a se derivar a partir de um pertencimento que gerasse vínculo como na família. O efeito disso e das possibilidades de leitura dos problemas a serem depreendidos a partir desse tipo de conceitualização do conhecimento acadêmico podem ser vistos em Natali (2022). Ver uma análise a partir de comentários e falas de deputados conservadores, dessa vez, estadunidenses, em Edelman (2004).

35^{ir}criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

como se o futuro estivesse condenado a desaparecer a partir de uma contaminação com algo fora do vocabulário conservador.

Mesmo em constante alusão, sendo mais mencionada que o nome próprio Jacques Derrida, a desconstrução nunca é analisada por Arantes em uma tentativa de leitura do que seriam os argumentos de Derrida, por exemplo, na *Gramatologia* e *n'A Escritura e a Diferença*, que marcam o pensamento e a crítica ao logocentrismo, à importância do livro, da fala em detrimento da escrita, etc., como formadores de uma imagem da Filosofia europeia (majoritariamente lida a partir de expoentes franceses e alemães) (DERRIDA, 2011, 2019).¹³ É a partir de leituras de outros leitores que Arantes constrói seu raciocínio e sua demarcação de declínio ideológico francês à mercê da nova forma do capitalismo internacional: para pensar a desconstrução nos Estados Unidos, parte de leituras de Richard Rorty e Jonathan Culler e, no território alemão, Jürgen Habermas – nomes, entretanto, que construíram técnicas de leitura reticentes à desconstrução e aos novos tempos por ela aparentemente simbolizados,¹⁴ Rorty e Habermas, mesmo marcando suas objeções também para a construção de seus próprios argumentos e movimentações teóricas, não deixariam, em vida, de também debater, junto de Derrida, questões próprias ao pragmatismo e à desconstrução (in CRITCHLEY et. al., 2017) e aos novos tempos após o 11 de setembro de 2001 (in BORRADORI et. al., 2004), por exemplo.

Diferentemente disso, o quadro de Arantes não propõe diálogo direto,¹⁵ pressupondo nas leituras, feitas por ele, de textos elaborados por outros, a transparência de sua interpretação que continua tendo, todavia, mais um giro dentro da construção em linha evolutiva para transformar as leituras brasileiras da desconstrução nas melhores críticas possíveis, por terem como diferencial, na Universidade de São Paulo, a melhor barreira à sequer instalação da "Desconstrução e Cia.", colocadas por Antonio Candido em "seu devido lugar" (ARANTES, 2021a, p.

¹³ Há somente uma menção a Derrida e suas obras, em *Um departamento francês ultramar*, que copio aqui: "Lembro de passagem que alguns anos mais tarde (1972) aquelas mesmas observações de Valéry acerca da natureza literária das obras filosóficas foram reaproveitadas por Derrida (cf. 'Qual Quelle – As fontes de Valéry', *Marges de la Philosophie*, Paris, Minuit), evidentemente sem a verve argumentativa de Lebrun, cujo sexto sentido de homem do *métier* lhe recomendava desde aquela primeira hora resistir à conversão da filosofia em "écriture". Quanto à 'desconstrução', está claro que eliminaria qualquer referência ao argumento 'ilustrado' de Valéry, bem como à sua meditação sobre as condições antinômicas da autonomia da obra de arte moderna." (ARANTES, 2021b, p. 227, nota 72)

¹⁴ E, dessa forma, é uma espécie de "familiaridade" que vai sendo criada no raciocínio de Arantes por incluir, já em uma outra tradição, mais uma crítica à desconstrução sem precisar defini-la ou lê-la em Derrida, mas sim acrescentar ao ramo dos debates na Filosofia de seu tempo um outro espelho para aquilo a definir o antônimo do termo traduzido ao francês do alemão: a Formação, escola brasileira (i.e., uspiana).

¹⁵ Quando muito, uma imitação do que seria o sotaque brasileiro de Derrida, caso o mesmo falasse em português (cf. ARANTES; SARACK, 2021). Sendo tal observação digna de elogios, como: "Adorável entrevista. Faltou ele falar da gagueira do Deleuze...." e "Mano, ele IMITA O DERRIDA no meio da palestra/entrevista. HAHHAHAHAHAH que pena que não fui aluno dele" (in ARANTES; SARACK, 2021).

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

72).¹⁶ O elogio ao crítico literário vem como forma de criação de uma genealogia dos resistentes às explicações das teorias francesas que os cercavam, como também o fizeram José Wisnik na música e Paulo Emílio Sales Gomes no estudo da formação do cinema brasileiro, considerando-os portadores de

apetite para estudar e opinar sobre a anexação da crítica cinematográfica francesa pelos Ideólogos, do vírus semiótico dos anos 1960 aos atuais "retóricos" do simulacro e da profundidade abafada pela avalanche "hiper-real", passando pelas intensidades libidinais da velha-guarda deleuziana (ARANTES, 2021a, p. 74)

A afirmação constante, a partir de uma imagem criada, tendo como base uma percepção já filtrada pelos olhos de outros filósofos e críticos, parece ir confirmando a ideia da necessidade de se colocar tal mecanismo de leitura pensada na transparência do texto filosófico em suspeição, voltando os olhos, assim, para os pólos produtores de tais leituras, ou seja, o filósofo uspiano. Não tanto talvez um exercício antifilosófico (PHILIPSON, 2020), mas, quem sabe, próprio de certa filosofia, ao se importar em responder "O que é?"¹⁷ com a desconstrução em foco, Arantes chega a respondê-la de forma filosófica, se enquadrados os parâmetros segundo as teorias da Escola da Formação. Ao parafrasear, a partir de Schwarz, os argumentos da moda já ex-moda caindo em desuso mesmo antes de chegar à USP (SCHWARZ, 1999), sugerindo até mesmo que Candido na *Formação* já havia preconizado a chegada da desconstrução e colocado-a em seu "devido lugar", é sobre a excepcionalidade de tal círculo filosófico uspiano que, mais uma vez, se fala, não a respeito da desconstrução, menos ainda de Derrida, como se falar a respeito de um implicasse uma teorização a respeito da pessoa em si.¹⁸

A fala última, por fim, no circuito da leitura de Arantes a respeito da desconstrução continua marcando o definido por Spivak (2010b) a partir do gênero conversa, como quando da análise dos diálogos entre Deleuze e Foucault: "[r]evela-se, assim, a banalidade das listas produzidas pelos intelectuais de esquerda nas quais nomeiam subalternos politicamente perspicazes e capazes de autoconhecimento. Ao

¹⁶ Não existindo, todavia, ponto de contato entre os escritos de Derrida e Candido, quem são os chamados de "Desconstrução e Cia.", em realidade, estão simbolizados como toda e qualquer pessoa a considerar os pontos de Haroldo de Campos, n'O *Sequestro do Barroco*, como críveis ou sequer válidos para discussão.

¹⁷ Caracterizada por Derrida como a pergunta tipicamente inaugural da Filosofia.

¹⁸ Tática, como já demonstrada, utilizada para especificar a excepcionalidade dos autores da Escola da Formação, a mistura das vias da vida com as vias do trabalho de crítica parece ser mais um fio potencializador da impossibilidade do dissenso: criticar, assim, como já mencionado no Exergo, a existência de problemas na maneira pela qual Arantes leria a desconstrução e o pós-colonialismo seria uma ofensa a ser dirigida para a pessoa em si, não para seu trabalho, impossibilitando o dissenso e condenando a uma inversão do dito, atribuindo ao caráter "vitimista" de tais teorias o problema, não na fala em si.

35^{ir} criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

representá-los, os intelectuais representam a si mesmo como sendo transparentes.” (SPIVAK, 2010b, p. 41) Spivak, ao colocar no centro da discussão a figura do filósofo que teria a capacidade de representar o subalterno, mantém em suspeição o centro da teoria da Escola da Formação, que é a determinação segundo a qual o intelectual radical (cf. CANDIDO, 1990) seria o único capacitado a livrar o subalterno das agruras do capitalismo, dada a base marxista¹⁹ da teoria, segundo a qual seria necessário o intermédio para levar o conhecimento libertador aos outros. O problema, por fim, seria impedir toda e qualquer crítica que fizesse tal eixo de autossustentação da importância do filósofo, branco, homem, como algo violento e repetidor de opressões de sequer existir (PHILIPSON, 2020; SPIVAK, 2010b), realimentando o circuito da opressão mediante o entendimento de que somente a classe seria capaz de explicar as agruras do mundo e somente o intelectual radical seria o capacitado para representar e explicitar tais mazelas ao seu Outro, a permanecer sempre subalterno.

Quando o que se deseja é impedir a crítica a tal modelo, dada a não criação de identidade mediante o signo da classe (RUGGIERI, 2022; SPIVAK, 2013), a base ocultada é a própria segmentação a permitir o acesso à Universidade e ao conhecimento primeiro a um grupo seletivo descendente da aristocracia urbana brasileira, que assumiria o papel de "ilustrar" toda a base da população, sem permitir que a desigualdade ali estabelecida tivesse fim, dada a necessidade do subalterno para a caracterização do opressor e do intelectual radical enquanto tal, ao mesmo tempo criando a justificativa a partir de sua excepcionalidade, não tão excepcional em um país desigual (MORAES, 2020), realimentando certa espécie de destino manifesto dos intelectuais radicais.²⁰

Ao inverterem a conta, o raciocínio que elabora de outra forma as categorias de opressão, tanto fora quanto dentro do circuito capitalista (afinal, a história do capitalismo não é a história do mundo [SPIVAK, 2013]), Arantes passa a sugerir, dentro da releitura de Schwarz (1999), que isso não passa de moda/vitimismo e, já tendo tais visões vitimistas de mundo ganhado espaço na universidade, assim como sua "Musa", aqueles a se dedicarem a tais visões têm como recompensa publicações, *papers*, qualis alta, Mestrado, Doutorado, um tanto aquém e além de um mecanismo

¹⁹ Ver uma crítica às ideias de Derrida dentro do circuito marxista em Spivak (1995). Este texto, de forma resumida, tenta demonstrar que há certa "ingenuidade" nos escritos do primeiro Marx, sendo estes os constantemente citados quando da necessidade de representação intelectual (na política) perante uma classe que não consegue a autorrepresentação. Os outros textos aqui referenciados da autora também complicam, ainda mais, tais percepções de que "classe" seria um signo universal para "subalternidade", solapando questões de raça e gênero, geralmente destacadas por vertentes, como a da Formação, que colocam o primeiro, em detrimento dos outros signos, como o único correto para discutir as agruras do capitalismo.

²⁰ E, além disso, questionar tal forma de representação gera, na Escola de Formação, uma espécie de nostalgia segundo a qual era somente nos tempos da vanguarda do intelectual radical que existiam, de fato, tanto a possibilidade de "ilustração" do subalterno, quanto intelectualidade representativa em si (cf. OTSUKA; RABELLO, 2022; ARANTES; FOLHA DE S. PAULO, 2023).

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

a garantir qualidade em detrimento de quantidade, dado que, necessariamente, essas teorias seriam modelos carreiristas e produtivistas da nova face/fase do capitalismo internacional (ARANTES; SARACK, 2021). Transformando teorias críticas ao funcionamento do sistema e da própria manutenção da figura salvacionista do homem branco a ditar o que é certo ou não no oposto do que são, passa-se a sugerir tal figura de retroalimentação sistêmica a partir de um "subalterno que não saberia seu próprio lugar", justificando, inclusive, a saída irônica, o tom de deboche, com os quais Arantes lida com tais pessoas, proferindo a elas (Derrida, Spivak), as caracterizações de "bastardia", "Musa", etc.

Questionar, portanto, os mecanismos pelos quais se garantiu a construção, todavia tão retórica quanto a constante acusação de disparate alheio, gera, na prata da casa, a sensação de necessidade de defesa de algo que, na Universidade de São Paulo, só ganha destaque com cursos dedicados integralmente à desconstrução décadas depois dos escritos de Arantes (cf. SAFATLE, 2018; NATALI, 2020). E, se assim o foi, é também pela manutenção de uma tentativa de expulsão de tais teorias a irem se construindo em outras universidades, como no caso da desconstrução e professores como Silvano Santiago e Paulo César Duque-Estrada (RODRIGUES, 2021), fazendo da imagem da USP (e da sua escola da exceção, a Formação) uma espécie de símbolo elogioso de resistência, ainda que pudéssemos caracterizá-la como tal para o que espelha também tal aversão ao diferente, metonimizada na Escola da Formação: impossibilidade de diálogo com discussões contemporâneas de raça, gênero, sexualidade,²¹ demonstrando a fixidez do conceito de classe como superior e mais habilitado a resolver as agruras não só atuais, sem reconhecê-las sequer como legítimas. Isso, todavia, não deixa de ser também a própria caracterização da USP enquanto uma Universidade fundada em bases eugenistas, definindo como seu próprio espelho de pertencimento a branquitude autossustentada como parâmetro, régua e determinação universal (SILVA, 2020) pois, ao manterem os outros como particulares e novas facetas do capitalismo, a Escola da Formação continua definindo a si como o oposto e obrigatoriamente almejavável, tal qual foi se construindo uma imagem de marxismo sem necessidade de suplementação, a transformar a classe em um símbolo universalizado via violência (não só epistêmica), assim como a figura do homem, do branco e da cisheteronormatividade (SPIVAK, 2013).

A descrição do outro enquanto inimigo, para a descrição de si como o espelho da melhor possibilidade de manutenção da crítica e proteção da prata da casa como sinônimo de crítica marxista, em Paulo E. Arantes, encontra paralelo, mesmo sendo necessárias matizações, em Leyla Perrone-Moisés e seu espelho apontado para críticas feministas e pós-coloniais enquanto problemáticas e más leitoras de Derrida, de modo a se proteger a tradição, a crítica literária pensada em termos de valor, como

²¹ E, até mesmo, pelo alongamento na discussão para implementação de cotas raciais na graduação, na pós-graduação e em concursos públicos, por não verem em tais questões a necessidade de análise e observação, caso tudo se resuma à classe.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

começo a apontar a seguir. Se Arantes (2021a-b) destaca a desconstrução quase como a dissolução dos pilares da Universidade, Perrone-Moisés (2007a) vai atribuir tal caracterização aos Estudos Culturais, grande guarda-chuva por ela entendido como as críticas à raça, ao gênero e à colonização. Segundo a autora, tais movimentos, em três momentos diferentes, se dão da seguinte forma:

Mais do que uma essencialização, o discurso feminista implica frequentemente a superioridade do feminino, e cultiva uma hostilidade ao masculino, num pensamento dualista simples também alheio aos princípios da desconstrução, que não trabalha com dualidades auto-exclusivas ou hierarquicamente dispostas. O pensamento dual faz que um dos termos dependa sempre do outro, mesmo que seja em relação de oposição, e o pensamento de Derrida não lida com oposições, mas com diferenças. [...]

Em busca de uma "africanidade" essencial e originária, muitos teóricos negligenciaram as enormes diferenças culturais entre os povos africanos, e entre estes e os negros aculturados em outras partes do mundo. A tendência à exaltação do anteriormente oprimido, como diferente e superior, tem levado a um discurso panfletário e, no campo da crítica e do ensino, a uma valorização ideológica de toda literatura minoritária como necessariamente boa e estimável, o que, na verdade, as exclui do cotejo com as literaturas hegemônicas. Considerar as "literaturas emergentes" com condescendência acaba por ser uma atitude logocêntrica e paternalista. Escusado dizer que o conceito ontologizado de "etnia", assim como o de gênero, não tem lugar no discurso de Derrida. [...]

O paradoxo dos estudos "pós-coloniais", assim concebidos, reside no fato de as margens se valerem do próprio discurso "logocêntrico" para afirmar sua diferença: as línguas dos colonizadores, no caos da escrita criativa; as ideias europeias (os "direitos humanos", as propostas de filósofos franceses, como Foucault ou o próprio Derrida); as modas teóricas universitárias do centro hegemônico atual, os Estados Unidos, copiadas e adotadas pelos críticos e professores literários dos países periféricos (PERRONE-MOISÉS, 2007a, p. 170-171)

Ainda que a rivalidade mude, ou seja, Derrida através dos olhos de Perrone-Moisés passa a ser um dos grandes leitores da tradição, a partir da qual se pode pensar os problemas da metafísica da presença, são os estudos pós-coloniais, feministas e raciais que possuem um rosto sem rosto, sem referência alguma, sendo condenados, um a um, pelo mesmo esqueleto argumentativo da crítica. Se os "argumentos" dos Estudos Culturais precisam "ser desconstruídos", Leyla Perrone-Moisés não assim o faz, mas rebate generalizações não referencializadas à sua própria leitura de Derrida, sendo esse sim referenciado, citado, etc. No entanto, os cinco textos contidos na lista de referências da palestra "Desconstruindo os Estudos

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

Culturais²² talvez não resolvam os problemas indicados pela crítica, considerando que questões como raça, racismo, a figura da mulher e a construção da Europa como o berço da civilização, cuja história estaria traduzida para o mundo como a narrativa do Mundo em si (cf. DERRIDA, 1991) não deixam de atravessar seus escritos, em obras não selecionadas pela autora. Além disso, sintetizar, de maneira rápida, o dito e o escrito por Derrida de modo a fazer com que a sua leitura prevaleça perante as outras já é também uma dobra dentro da própria palestra, de modo a se provar um ponto: a crítica e sua leitura de Derrida estão certas, o quadro de deterioramento atual, perante as novas perspectivas que se dizem "derridianas" estão erradas, não colocando um ponto possivelmente "derridiano por excelência" em questão – as explicações dos filósofos para a resposta "O que é?" como transparentes e derivadas de um regime de elaboração da Verdade.

A conclusão do texto de Perrone-Moisés parece indicar, de forma mais sucinta possível, o problema sustentador de sua própria argumentação:

[a] "chance" é esses estudos abrirem novos territórios na vasta área dos estudos literários; e o "perigo" é de esmagarem o literário e se tornarem tão ideológicos quanto os discursos ideológicos que pretendem criticar, por uma simples inversão de sinal que jamais poderia ocorrer na desconstrução derridiana. (PERRONE-MOISÉS, 2007a, p. 174)

A especificidade do literário, de certa forma, parece estar aquém e além dos regimes apontados pela crítica da autora, sem que esse seja considerado, de fato, também ideológico. A ideia do valor da literatura, símbolo esvaziado a ser preenchido da forma como bem entenderia a tradição, é o ponto de tensão dentro de sua própria argumentação, já que o cânone, mesmo dito da sua não defensabilidade sem restrições, parece precisar se manter intacto ou, de certa forma, lido até certo ponto, ou mesmo questionado de uma maneira a parecer que sua importância (seu valor outrora definido como algo imanente), não fosse colocada em questão, como se todas as reflexões de Derrida e sua existência mesma também estivessem relacionadas como uma forma de dividendo da tradição.²³

O ponto, no entanto, é a inversão dos questionamentos propostos por Perrone-Moisés: como poderia o valor literário, algo ao mesmo tempo "específico" e "universal", se sustentar sem uma contradição a também estar presente na própria

²² Desconhecimento, talvez, não seja o problema, dado que a palestra originalmente fora lida em 2001 e Derrida já se encontraria nos anos finais de sua carreira, tendo publicado extensa e intensamente desde o início.

²³ Uma espécie de leitor "subalterno modelo" pode ser visto, todavia, em Edward Said, definido pela crítica literária (cf. PERRONE-MOISÉS, 2007b, p. 159-165) como um bom leitor "preconizante" do pós-colonialismo que, no entanto, não deixaria de olhar para a tradição como ponto necessário de dobra, leitura, etc.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

construção da historiografia dos estudos literários? Se as comparações cujo espelho daquilo a ser tido como o Bom dentro da Literatura estão viradas para o próprio rosto dos definidores dos parâmetros, como poderia a especificidade da literatura não estar vinculada com quem pode falar? Por que os estudos que parecem apontar para as aporias das construções em torno do valor precisam ser considerados como meros "inversionistas", desejosos de transformar o subalterno em índice de louvor? E, se fosse esse mesmo o caso, por que, afinal, seria tão perigoso fazer com que séculos de histórias feitas a partir de um único núcleo (a tradição, por exemplo, ocidental) não pudessem sentir na pele a possibilidade de ser oprimido? Caso o que realmente fosse acontecer se desse em termos de revanchismo dos vitimistas, por que a experiência da opressão precisaria ser respondida em outros termos? Nessa hora, somente nessa hora, é necessária uma existência de outra forma?

O cânone, por fim, se tornaria uma entidade a ser justificada como necessária, pois sua existência, tautologicamente, seria a porta de saída e chegada para a resolução e entendimento dos problemas que, sem considerar a sua própria história de violência, foram criados pelos elos de desigualdade hoje "denunciados" erroneamente pelos "Estudos Culturais" e criticados por Perrone-Moisés. Se, como já apontado também por Rodrigues (2021), o testemunho de Derrida a partir dos desdobramentos da *Gramatologia* e d'*A escritura e a diferença* fazem com que a desconstrução não seja entendida enquanto práxis, ou seja, reduzida a verbo, "desconstruir os estudos culturais", como propõe Perrone-Moisés, se torna, talvez, mais um caso para uma possível elaboração dentro da desconstrução, não exemplo do que é "desconstruir". A certeza, por fim, de que é o Outro o transparente e redutível a um rosto sem rosto, a ponto de não ser necessário sequer citá-lo com o mesmo cuidado ao qual tenta se dedicar Perrone-Moisés a Derrida, apresenta a pressuposição de se caracterizar a figura da crítica como detentora de capacidade explicativa suficientemente já elaborada a ponto de, dentro do papel da Universidade, enquanto transmissor(a) de conhecimento, transformar em objeto simplificável para que não se perca tempo em estudos redundantes incapazes de reconhecer na tradição sua forma maior de estudo da realidade, podendo ao cânone retornar, seja para seu reconhecimento e estudo de adesão, ou seja para sua crítica, mas devendo a ele sempre o deter de olhos, pois até mesmo Derrida assim o fazia.

O papel da explicação e dos usos da piada, da criação feita para gesticular certo tipo de torção do objeto a ser discutido, para que ele se torne uma espécie de caricatura e, assim, entendido como totalmente apreendido a ponto de se poder dele, de certa forma, caçoar e transmitir uma certa impressão a respeito do mesmo, se encontra em uma série de caricaturas construídas por Perrone-Moisés em "Pastiches críticos" (2000) e Arantes em *Fio da meada* (2021c). Em uma entrevista com Iná Camargo Costa (ICC) e Maria Elisa Cevalco (MEC), vê-se as seguintes cenas:

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

ICC: Eu acho mesmo que *ninguém* escapa, nem nós. Mas a pá de cal: a atual combatividade do intelectual engajado tem muito mais de *lobby* de si próprio do que de advogado gratuito dos “de baixo”.

MEC: Iná, que horror! Você simplesmente não en-ten-deu na-da! (ARANTES, 2021c, p. 276)

A acusação indicada a Costa é possível prova de que há algo a ser apreendido daquela cena, uma entrevista elaborada para que Arantes possa passar adiante o que sabe, mimetizando uma sala de aula (PHILIPSON, 2020). Em outro momento, na averiguação de se a lição de casa está sendo bem apreendida, "MEC: [...] Basicamente, só para repisar o ponto da prova: [...]. ICC: Nossa! Ela fez direitinho a lição de casa!" (ARANTES, 2021c, p. 126), observa-se o preâmbulo do quadro de lição feita "direitinho" por Cevasco:

[...] fica cancelada no berço qualquer Mimesis filosófica, pela simples razão de que o arco Platão/Heidegger é uma construção ideológica, aliás habilmente alimentada não só pela paranóia do alemão aí (gente: só pode ser coisa de paranóico um negócio chamado "Platão e Eu sobre a Verdade", né?), mas também pela atual voga desconstrucionista, com todo mundo formando lisonjeiramente a linha de frente do combate ao Cânon. No caso dos filósofos, aliás incorporados pelos profissionais dos estudos literários (estou pensando, é claro, nos americanos e sua imensa colônia multinacional), combate à herança logocêntrica, da onipresente Metafísica do Ocidente, como prega o *Frère Jacques*. Nesse entrevero, o pobre Auerbach deve sair com fama de onto-teólogo-da-Presença-da-Origem, etc. Porque, como eles ensinam, realismo sério é coisa de cristão, macho, branco, ocidental, etc. (ARANTES, 2021c, p. 125)

Se tal entrevista, feita mais para deixar o entrevistado falar, aparentemente, na forma e do que preferir, podendo esquecer-se de responder o que lhe é perguntado (PHILIPSON, 2020), não é senão por amizade, como vai dizer Costa a certa altura (cf. ARANTES, 2021c, p. 32), que tal cena é permitida e impulsionada. A propagação do tom em forma de deboche/ironia vai sendo repetida como maneira de caracterizar este irmão que parece não saber muito bem o que é a Filosofia, a ponto de ser comparado a um paranoico; além disso, a construção vai permitindo com que certas bases de uma tradição dentro dos Estudos Literários também pareça ser reduzida a pó em uma tentativa de delírio de grandeza de tal *Frère*,²⁴ sem que se considere ao menos a forma pela qual tais comentários são tecidos – até porque, como já visto, se o

²⁴ Até mesmo uma espécie de infanticídio, ao sugerir, o "cancelamento no berço" da mímese filosófica.

35^{ir} criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

ensinado não é uma definição crítica da desconstrução, a repetição da repetição da repetição só pode agravar aquilo que as respostas de Arantes tem como certeza: a propagação da violência como modo de leitura (PHILIPSON, 2020). A acusação, por fim, quando se vira à própria mesa, ou seja, pensar nos próprios limites do que os olhos de cada um dos presentes tem como possibilidade de enxergar (as questões, como já pontuado, necessariamente elogiosas ao marxismo), não pode passar por nada a não ser uma paralaxe do ali feito, indicando erro em quem "acusa injustamente" o professor de não perceber seus próprios limites: "Iná, que horror! Você simplesmente não en-ten-deu na-da!" (ARANTES, 2021c, p. 276)

Essa espécie de criação caricaturesca depende da figura do professor como explicador, muito talvez também relacionado à espécie de formação clássica da Escola de Filosofia uspiana, a explicação de textos, e, sendo Arantes resistente a tal caracterização (cf. ARANTES, 2021b), parece aporética a possibilidade de acusação do não entendimento dada por Cevasco a Costa: como se pode não entender algo que se recusa a explicar, a dar atenção para se definir o que é? Se é essa a pergunta a se evitar a resposta, só se pode assumir como lição a criação de uma caricatura, como se fosse possível saber o que é a desconstrução e o que o irmão Jacques diz, de modo a se garantir uma espécie de quadro de excepcionalidade a partir da cena de amigos ali formada, aquém e além da necessidade de explicação e sequer da consideração de tal possibilidade de diálogo, mantendo-se a formação identitária daquele círculo como detentora do poder de não estar errado, porque são amigos e alunos. Logo, estão de certa maneira também em alguma relação de proximidade com o professor: criticar ou sugerir a necessidade de se perceber o espelho da negação ao erro é, mais uma vez, cair em uma armadilha aparentemente da "ideologia bastarda" da desconstrução, que junta, perversa e paranoicamente, Platão a Heidegger sem especificidade nenhuma.

Essa forma de apresentar, a partir de uma caricatura que precisa ser sustentada somente pela figura do(a) professor(a), dada a impossibilidade de retorno à citação em uma fala e na cena de ensino da conversa, também está mimetizada em Perrone-Moisés (2000), ainda que pelo suporte da escrita, através do seguinte pressuposto: ajudar o "neófito nessa árdua tarefa [a de escrever uma tese de literatura]" apresentando "[...] alguns exemplos de estilos críticos, aplicados aqui à frase inicial de *O Ateneu*" (PERRONE-MOISÉS, 2000. p. 352). O primeiro que gostaria de destacar é a aplicação à crítica feminista:

Como a maioria esmagadora dos romances, *O Ateneu* é uma história de homens escrita por um homem. O livro começa com as palavras de um homem dirigidas a outro homem. Note-se que o próprio nome do liceu, *Ateneu*, é um nome próprio masculino e que designava, na antiga Grécia, um local de reunião de literatos do sexo dito forte. Esse universo masculino se anuncia como um palco de luta, um lugar agressivo, destituído de sensibilidade, de afetividade, de fluidez,

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

qualidades femininas que têm sido exploradas pelo patriarcado para oprimir as próprias mulheres. Por isso é que nós, mulheres, devemos lutar contra todos os Ateneus, todos os pais, todos os filhos, e, portanto, exigir a retirada do romance de Raul Pompéia de nossos programas escolares e universitários. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 357-358)

Antes de apresentar o segundo, retomo a nota de rodapé que abre o texto, para justificar como gostaria de encerrar esta argumentação: "[a]crescentei aqui mais um tipo de crítica, pelo fato de tê-la visto efetivamente aplicado ao *Ateneu*"²⁵ (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 352, nota de rodapé não numerada). O exemplo é este:

10. Crítica *gay*

O "mundo" que o filho encontrará no Ateneu é, evidentemente, um mundo *gay*, já que se trata de um internato masculino. As mulheres pelas quais ele eventualmente será atraído na verdade não contam, e a "luta" do filho terá por objetivo "sair do armário". Aliás, o próprio Raul Pompéia... (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 358)

Se o pastiche não tem necessariamente a função de paródia, ou seja, se a imitação pode em algum mundo parecer não trazer consigo certo tom de ironia ou deboche, e se fôssemos levar às últimas consequências o dito por Perrone-Moisés em suas aplicações críticas à frase inicial d'*O Ateneu*, teríamos de nos perguntar quais foram, afinal, as fontes, as pontes de diálogo segundo as quais a crítica estabelecia o raciocínio e o resumo para que o aluno pudesse assim copiar a cópia, sem precisar efetivamente ler, seja qual for, as bases das críticas feministas e *gays*. Se trago a última, inclusive, é por ela ser a representada como efetivamente aplicada, dando a impressão de as outras nove, no entanto, talvez assim não terem sido elaboradas: se somente a crítica *gay* é aquela encontrada na academia, de onde teriam vindo as outras nove? Se, nos pastiches, Perrone-Moisés não está pontuando, em nome de Jacques Derrida, os erros de leitura das críticas alheias, ou pressupõe-se uma forma de diálogo, ou credita-se ao ali desenvolvido uma espécie de torção, podendo ser o correlato final uma possibilidade de devolução como já desenvolvida: a acusação ao nome da crítica a algo que está sendo desenvolvido a partir de uma fundamentação na figura do feito, pessoalmente vivido como vitupério à tradição, perjúrio a ser combatido pela paródia.

O feminismo como criticado pela autora parece funcionar como uma série de jargões baseados na própria construção de estereótipos para responsabilizar o

²⁵ As versões anteriores sem o "último exemplo" estão referenciadas por Perrone-Moisés e uma delas está disponível, a publicada no *Nicolau*, podendo ser acessada aqui <www.bpp.pr.gov.br/sites/biblioteca/arquivos_restritos/files/migrados/File/af_nicolau50.pdf>. Acesso em 08 mar. 2023.

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

discurso da diferença, ou seja, a crítica feminista, pelo constante movimento de rechação e categorização de vitimismo que são atribuídas a ela por aqueles a discordarem da validade da crítica feminista. Ao sugerir que a feminista (simbolizada pelo singular, como se só existisse no mundo um feminismo, assim como uma categoria simbólica de mulher) é uma espécie de estraga-prazeres que está ali para queimar bibliotecas, Perrone-Moisés parece querer, com o espelho voltado à proteção da crítica imanente na leitura do cânone e do valor da tradição, incentivar o extremo oposto do "pretendido" pelo texto. Dado que a escamoteação do significado de crítica feminista só é uma constante guerra ressentida ao patriarcado, que fiquem as feministas em outro lugar, não na academia. A explicação dessa forma, desprendida de uma citação a ponto de indicar quem seriam as feministas a, em sua tentativa de ação, não conseguirem sequer perceber sua estratégia de reforço do estereótipo, chegando ao ponto de proporem algo perto da heresia, a destruição do cânone (a seguramente ser um dos símbolos da crítica imanente do valor literário), pode encontrar, por exemplo, este paralelo:

Essa atitude desequilibrada tem chegado recentemente ao paroxismo quando a militância de grupos de raça, de gênero ou de opinião se encarna na destruição do cânon tradicional. Por ocasião de um debate que se seguiu a uma conferência de Jean-Pierre Vernant sobre o homem grego, uma assistente, indignada, interpelou o mestre querendo saber porque este não dera ênfase à misoginia de Hesíodo, ou seja, não condenara a visão da mulher que sai da obra do poeta. Vernant reconheceu acirradamente que, de fato, Hesíodo refletia um a mentalidade patriarcal e lembrou que nos Estados Unidos, há poucos anos, uma editora feminista se recusara a incluir entre os seus títulos uma tradução dos poemas de Hesíodo, precisamente porque as suas ideias eram "descaradamente machistas", reacionárias e ofensivas à imagem da mulher. As militantes americanas exigiam do poeta uma imediata, inequívoca e pública retratação; e foi um custo explicar à consultora da casa editorial que Hesíodo não estava em condições de satisfazer a essa exigência, pois morrera fazia mais de vinte e cinco séculos. (BOSI, 1996, p. 17)

A atitude de deixar ao outro o desequilíbrio, o vitupério e o "exagero", a ponto de sugerir que as leituras do presente são incapazes de sequer ter conhecimento do fato de um poeta grego já estar morto não parece ser a camada final da acusação de disparate, mas sim, que a própria chance de repensar a construção do cânone enquanto violência, ou seja, baseada na misoginia, no racismo, etc., não pode ser sequer sugerida, afinal, o movimento do fragmento de Bosi parece apontar que a autoridade detentora do conhecimento, para reconhecer um problema no cânone, também desvia a resposta indicando o erro do feminismo, ao ler Hesíodo de tal forma, na "atitude desequilibrada", a ponto de não saber sequer de seu óbito. Nos pastiches

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

de Perrone-Moisés, se é similar a acusação ao feminismo, ao chegar na crítica *gay* (cuja matização do nome em si já precisaria, todavia, de outro espaço), parece ser sugerido tamanha destruição da própria instituição da crítica literária a ponto de o pastiche começar a sugerir que especialistas em discussões em torno da orientação sexual têm como único objetivo a revelação da sexualidade de autores canônicos, de modo a se criar uma imagem de profanação da historiografia literária.

Com uma espécie de estrutura violenta do *outing* alheio, como se a metáfora do armário só pudesse significar em algum momento a obrigatoriedade, ainda que contraditória, de sua abertura (cf. VILLIERS, 2012), a crítica *gay*, como ponto último de chegada disponível pela autora, parece construir a tentativa de dessacralização final do cânone, a qual, por ser caracterizada dessa forma diante do pastiche, pode já conter no etapismo, como indicado pela crítica, seu próprio atestado de morte, dada a necessidade do neófito de não se filiar a tal maneira de olhar a construção literária, sendo convidado, mais uma vez, a voltar-se para a construção tão sempre em risco do literário e dos estudos da literatura, que é a perda de sua especificidade. Se a última etapa dos pastiches, a mais recentemente vista, já indica um estado atual da alma dos Estudos Literários totalmente aquém e além da rigorosa análise voltada ao valor do cânone (a crítica tradicional), a representação deboxada da crítica *gay* já vem com o aviso sustentado pela figura da intelectual de que aqueles a nessa perspectiva encontrarem algum respaldo estão cometendo um crime já deteriorado da tentativa de queima de livros das feministas, pois vieram depois, deixando como correlato do deboche a ameaça de possível expulsão da universidade, dado o não reconhecimento dessas formas de análise como "produtivas", rígidas o suficiente para estar na Casa Grande dos Estudos Literários.

*

Se Spivak (2010b, p. 26) escolhe uma "interação amigável entre dois filósofos ativistas da história [Deleuze e Foucault] porque ela desfaz a oposição entre a produção teórica da autoridade e a prática conversacional desprevenida, permitindo-nos vislumbrar a trilha da ideologia", as modalidades escolhidas por este trabalho também nessa pressuposição buscaram fonte de diálogo. As entrevistas, *lives*, palestras e até mesmo textos pensados diretamente a partir do suporte escrito escolhidos, em sua maioria, tinham como pressuposto uma cena de ensino para diferenciar um Eu de um Outro, em uma fórmula a ser repetida, partindo-se do pressuposto que a figura de autoridade (o/a professor(a)) era o ponto de sustentação da transmissão do conhecimento, sem a necessidade da baliza com os textos pensados e/ou criticados.

Ainda que do desejo de não basear a contra-argumentação a partir dos textos de Derrida e Spivak, ao ler os argumentos de Arantes e Perrone-Moisés, buscou-se evidenciar, todavia, que só se torna possível reconhecer nos textos e nas falas dos

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

autores que não há ali leitura do Outro, somente acusação advinda, majoritariamente, do local de produção das teorias recentes (de alguma forma, o papel dos Estados Unidos ali parece evidente como necessariamente a produção do Mal) como forma já de garantia de tentativa de dominação, que seria obrigatória a exclusão antes mesmo da chegada de tais teorias à Universidade de São Paulo: isso se dá também pelo falseamento da observação do fato de que tais nomes já circulavam no Brasil, como dito por Rodrigues (2021) ao lembrar que Derrida já era lido por Santiago e Duque-Estrada, demorando muito mais para ser lido de fato na USP, em cursos monográficos, por exemplo.

Além disso, se Derrida de alguma forma era lido e entendido (como se vê no argumento de Perrone-Moisés), Spivak já é definida como uma diferenciação, de certa maneira, piorada de Derrida: por ser sua tradutora, por estar radicada nos Estados Unidos depois de parte da sua formação na Índia, sua carreira é lida como uma mera adaptação alavancada pela tradução da *Gramatologia* e assim é definida como perniciosa ao funcionamento da Academia num geral por poder, via infiltração, representar certo perigo de "subalternidade insubmissa" capaz de demonstrar a construção ideológica a ainda permitir, por exemplo, que homens brancos se deem o direito de definir, em estratégias de representação, até onde mulheres de pele escura poderiam falar (cf. ARANTES; SARACK, 2021).

Com última virada possível, lembraria o dito por Simon Critchley (2002) a respeito do riso: para que se evite a propagação de certa ideia da utilização do deboche e da ironia dentro do chiste, à esquerda, citado no início desse texto, como passe-livre para uma expansão sem-fim da crueldade, que não deixa de ter alvos específicos (definidos em termos de raça, identidade de gênero, orientação sexual e posse de poder simbólico), ou começamos a rir de nós mesmos, sem fazer do outro bode-expiatório para a constante performance da crueldade, a *performatividade*, sempre a dizer mais sobre nós do que o Outro a quem dirigimos nossa atenção, ou, deveríamos mesmo voltar a atenção, mais uma vez, aos livros a ainda serem lidos, textos a ainda serem escritos, esperando, todavia, o dia kafkiano da Glória.

Referências

- ARANTES, Paulo E. **Formação e desconstrução: uma visita ao museu da ideologia francesa**. São Paulo: Editora 34, 2021a.
- ARANTES, Paulo E. **Um departamento francês ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 1960)**. São Paulo: s.l., 2021b. Coleção Sentimento da Dialética.
- ARANTES, Paulo E. **Fio da meada: uma conversa e quatro entrevistas sobre Filosofia e Vida Nacional**. São Paulo: s.l., 2021c. Coleção Sentimento da Dialética.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

ARANTES, Paulo E.; FOLHA DE S. PAULO. **Paulo Arantes: mesmo sem projeto, Lula terá sucesso se frear extrema direita (2023)**. Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/1uveTSId8kM8cWrPISMBqB>>. Acesso em 12 mar. 2023.

ARANTES, Paulo E.; SARACK, Caio. **Entrevista com Paulo Arantes sobre o livro *Formação e Desconstrução* (2021)**. Disponível em <www.youtube.com/watch?v=8Ca_QJBw9Y>. Acesso em 03 mar. 2023.

BAPTISTA, Abel B. **O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido**. *O livro agreste: ensaio de curso de Literatura Brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 41-82, 2005.

BORRADORI, Giovanna; DERRIDA, Jacques; HABERMAS, Jürgen. **Filosofia em tempo de terror**. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. *Itinerários*, n. 10, p. 11-27, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Radicalismos**. *Estudos Avançados*, v. 4, n. 8, p. 4-18, 1990.

CATALANI, Felipe. **Formação e desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa (2021)**. Disponível em <<https://aterraeredonda.com.br/formacao-e-desconstrucao-uma-visita-ao-museu-da-ideologia-francesa/>>. Acesso em 08 mar. 2023.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Museums in late democracies**. *Humanities Research*, v. 9, n. 1, p. 5-12, 2002.

CRITCHLEY, Simon. **On Humour**. Abingdon: Routledge, 2002.

CRITCHLEY, Simon; DERRIDA, Jacques; LACLAU, Ernesto; RORTY, Richard. **Desconstrução e pragmatismo**. Tradução de Victor Maia. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

DERRIDA, Jacques. **Mitologia branca. Margens da Filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **O cartão postal: de Sócrates a Freud e além**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. Campinas: Perspectiva, 2011.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. Campinas: Perspectiva, 2019.

EDELMAN, Lee. **No future: Queer Theory and the Death Drive**. Durham: Duke University Press, 2004.

FAUSTO, Rui. **Entre Adorno e Lukács: dois livros de Paulo Arantes**. *Lua Nova*, n. 42, p. 201-219, 1997.

FFLCH-USP. **“XI Seminário de pós-graduação do DTLLC”: Pandemias e suas representações**. Disponível em <www.youtube.com/watch?v=EATRPnnTS4s&t=88s>. Acesso em 03 mar. 2023.

FRENKEL, Roy D. **Sessão**. São Paulo: Luna Parque, 2017.

35 Criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

- LIMA, Luiz Costa. **Concepção de história literária na “Formação”**. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 153-169, 1992.
- MORAES, Anita M. R. de. **Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido**. São Paulo: EdUNESP, 2015.
- MORAES, Anita M. R. de. **Resenha de Antonio Candido 100 anos**. *Criação & Crítica*, v. 1, n. 26, p. 182-189, 2020.
- NATALI, Marcos P. **Programa da disciplina “Assinaturas de Derrida”** (2020). Disponível em [www.academia.edu/42147791/Programa da disciplina Assinaturas de Derrida](http://www.academia.edu/42147791/Programa_da_disciplina_Assinaturas_de_Derrida) >. Acesso em 07 mar. 2023.
- NATALI, Marcos P. **El acta de nacimiento de la musa: Cómo (no) leer la deconstrucción en São Paulo**. In: MIRIZIO, Annalisa; AGUILAR, Gonzalo; PINO, Claudia Amigo (Orgs.). *Travesías, desvíos, obstrucciones: la circulación de la teoría francesa en Latinoamérica y España*. 1 ed. São Paulo: FFLCH-USP, p. 141-158, 2022.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Pastiches críticos. Inútil poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 352-358, 2000.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Desconstruindo os Estudos Culturais. Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 166-174, 2007a.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Edward Said, um intelectual fora de lugar. Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 159-165, 2007b.
- PHILIPSON, Gabriel S. **Emplasto sísmico?** *Crítica Cultural – Critic*, v. 15, n. 1, p. 153-165, jan.-jun./2020.
- OTSUKA, Edu T; RABELLO, Ivone D. **#eagoraoque: impasses do intelectual radical** (2022). Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/eagoraoque-impasses-do-intelectual/>>. Acesso em 07 mar. 2023.
- RODRIGUES, Carla. **Paulo Arantes pensador da desconstrução**. *Revista Rosa*, v. 4, n. 1, 2021. Disponível em <https://revistarosa.com/4/paulo-arantes-pensador-da-desconstrucao>>. Acesso em 03 mar. 2023.
- RUGGIERI, Mariana. **A abstração da inequivalência: subalternidade e escravidão**. *Gragoatá*, v. 27, n. 59, p. 1-19, set.-dez./2022.
- SAFATLE, Vladimir. **Curso integral: Jacques Derrida - em direção à desconstrução** (2018). Disponível em [www.academia.edu/38102002/Curso integral Jacques Derrida em dire%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_desconstru%C3%A7%C3%A3o_2018](http://www.academia.edu/38102002/Curso_integral_Jacques_Derrida_em_dire%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_desconstru%C3%A7%C3%A3o_2018) >. Acesso em 07 mar. 2023.
- SANTOS, Carolina C. dos. **Fora do eixo: notas feministas sobre a teoria da Formação da Literatura Brasileira**. *Criação & Crítica*, v. 1, n. 26, p. 88-108, 2020.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. **Antonio Candido, 100 anos**. In: SCHWARZ, Roberto; FONSECA, Maria Augusta (Orgs.). *Antonio Candido, 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

SILVA, Priscila E. da. **As origens da USP: raça, nação e branquitude na universidade**. Curitiba: Appris Editora, 2020.

SPIVAK, Gayatri C. **In Response: Looking back, looking forward**. In: MORRIS, Rosalind C. (Ed.). *Can the Subaltern Speak?: Reflections on the History of an Idea*. Nova Iorque: Columbia University Press. Edição digital, 2010a.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010b.

SPIVAK, Gayatri C. **An Aesthetic Education in the Era of Globalization**. Nova Iorque: Harvard University Press, 2013.

SPIVAK, Gayatri C. **Crítica da razão pós-colonial: por uma história do presente fugidio**. Tradução de Lucas Carpinelli. São Paulo: Politeia, 2022.

VILLIERS, Nicolas de. **Opacity and the Closet: Queer Tactics in Foucault, Barthes, and Warhol**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

Recebido em: 24/03/2023

Aceito em: 10/06/2023